Ano 30.º Sábado, 17 de Abril de 1937 N.º 1470

O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitânia
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

A política duma Nação digna

Quando, daqui a alguns anos, se fizer a história imparcial das horas que estamos vivendo, aquêles mesmos—pelo menos os melhores de entre êles—que hoje não querem compreender a dignidade da atitude portuguesa perante a guerra hispano-soviética e o bailado internacional que dela resultou, hão-de ser os próprios a fazer justiça a Salazar, admirando-se ao mesmo tempo de ter sido possível a um país como o nosso, ainda há dez anos quási inteiramente desacreditado no concerto das potências, manter posições definidas, sólidas—e obrigar as grandes potências a reconhecer a solidez dessas posições.

É facto incontestável que a derrota dos nacionalistas espanhóis teria como conseqüência, não o triunfo da Democracia, mas a vitória do comunismo russo na Espanha. É incontestável também que a vitória do comunismo na Espanha implicaria, a breve trecho, a guerra contra Portugal—se não implicasse imediatamente a guerra civil. Só os cegos, os surdos e os estúpidos o não compreendem. Poderia por conseqüência Portugal considerar pela mesma forma, medir pela mesma bitola, nacionalistas e comunistas? Poderia porventura esconder os seus desejos de que as tropas nacionalistas escorracem da Península o perigo comunista?

Bastaria esta simples consideração para justificar tudo quanto Portugal tem dito e feito no campo internacional desde que estalou a guerra hispano-soviética. Não-intervenção? Mas dando de barato que as potência podem manter a sua neutralidade entre o bem e o mal, é preciso esclarecer primeiro o que se entende por intervenção. Portugal pôs todas as reservas quanto aos auxílios indirectos das potências interessadas na vitória duma das partes em guerra. Comissão de fiscalização? A forma mais eficaz de fiscalização está na auto-fiscalização. Se as nações se dispuzerem a cumprir rigorosamente os compromissos que tomam, a fiscalização internacional não terá qualquer razão de ser: nunca ninguém viu dois homens honestos espiarem-se um ao outro. Ora, Portugal tem defendido sempre uma política internacional sã, «onde a honra, a sinceridade, a lealdade dos fins e dos processos deveria ser regra indiscutível e fielmente observada».

Aceitar a fiscalização das fronteiras da Nação por comissões internacionais seria aceitar, na prática, o contrário do que se propôs: propôs-se uma política de sinceridade e lealdade e aceitar-se-ia uma prova de hipocrisia e de suspeição. Além disso, se o precedente se abria da fiscalização internacional das fronteiras de cada povo, dentro em pouco as pequenas potências—queremos dizer, pensando em Portugal, as potências materialmente fracas—teriam endossado os seus direitos de soberania, sem darem por isso... à Sociedade das Nações!

Tão forte tem sido sempre a posição jurídica e moral do nosso país, que as grandes potências, a começar pela nossa aliada britânica, têm tido de curvar-se perante todas as reservas que Portugal tem pôsto. A última prova dêste facto está na aceitação pela comissão de Não Intervenção da solução portuguesa para a fiscalização na fronteira luso-espanhola. Não aceitámos, não podíamos aceitar, porque a nossa dignidade de povo livre a isso se opunha, que a soberania da nossa fronteira passasse para a comissão de Londres. *Espontaneamente, oferecemos à Inglaterra mandar ela observadores seus para Portugal, afim de verem como as autoridades portuguesas sabem fazer cumprir as leis portuguesas.* A Inglaterra aceitou o convite. A comissão de Londres, também aceitou a solução apresentada. Se não aceitasse, a nossa atitude só poderia ser uma: abandonarmos a comissão de Londres. A nossa dignidade triunfou de todas as dificuldades. E as grandes nações, ainda que o não dêem a perceber, aceitam bem as provas de dignidade dadas pelas nações mais pequenas. Quem se quer dar ao respeito, tem de começar por se respeitar a si próprio...

A.

LA LYS

As comemorações do 9 de Abril em Aveiro

ficaram reduzidas, êste ano, a uma sessão solene no Teatro, que foi brilhante

Não sabemos porquê—nem quizemos indagar—o 9 de Abril, data em que passa o aniversário da batalha de La Lys, de tão trágicas conseqüências para as tropas portuguesas, ia passando quási despercebida nesta cidade. A Agência da Liga dos Combatentes, porém, tomando como pretexto a entrega ao Liceu de José Estêvão da *Medalha Escolar FIDAC*, que lhe fôra conferida no Congresso de Varsóvia, em 1936, e a aposição no seu estandarte dos laços da Cruz de Guerra e da Torre e Espada com que a Liga foi oficialmente condecorada pelo govêrno da República, distribuiu convites para uma sessão, que levou a efeito no Teatro Aveirense, e à qual presidiu o sr. tenente-coronel Quaresma, secretariado pelos srs. dr. Lourenço Peixinho, presidente da Câmara; Raul Leite, inspector escolar; dr. João Joaquim Pires, reitor do liceu e capitão Quina Domingues, comandante da Polícia.

Decoravam a sala e o palco plantas, apetrechos militares e as bandeiras dos países aliados, vendo-se ao fundo, por trás da mesa de honra, as das Agências da Liga dos C. da G. G. de Aveiro, Oliveira de Azemeis, Anadia e Vale de Cambra e ainda as da Academia, Sport Club Beira-Mar, Galitos e Escola Industrial, empunhadas por representantes das aludidas colectividades.

São 15 horas e 30 minutos. A banda de Infanteria rompe com o hino nacional, que a assistência ouve de pé e dá-se início à sessão. O sr. capitão Campos Rego lê a correspondência e a seguir é dada a palavra ao primeiro orador inscrito, sr.

Capitão Pinto da Veiga

Algumas passagens do seu discurso:

A Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra agradece muito reconhecida a comparencia de quantos acorreram a esta sessão. Tem ela dois fins. O 1.º é consagrado à entrega da Medalha Escolar da Federação Interaliada dos Antigos Combatentes da G. G. (F.I.D.A.C., como por abreviatura é conhecida) ao Liceu desta cidade e, como Delegado da Direcção Central da Liga e em nome da referida Federação, cabe-me a grande honra de proceder à mesma entrega. O 2.º é consagrado à aposição dos laços das medalhas—Cruz de Guerra e Torre Espada—na nossa Bandeira, isto é, saldar com a Agência local uma dívida há muito em aberto. Desculpe-me o sr. reitor, mas para dar um pouco mais de solenidade a tal acto, aproveitámos a homenagem ao Liceu que V. Ex.ª tão proficientemente dirige e assim, sem querer empanar o brilho que ao primeiro é devido, no final dêle procederemos à referida aposição. Explica a seguir o que é a F.I.D.A.C., quais os seus fins, quais as suas realisações e qual a autoridade com que se arroga o direito de conceder uma Medalha Escolar e prossegue.

—Nós, que fizemos a guerra, que a sentimos no seu mais intenso ardor, que sabemos que ceifou perto de 8 milhões de vidas, que cada campo de batalha, em terra, é um cemitério imenso onde anualmente se fazem peregrinações de saüdade; que, no mar, cada navio afundado é um túmulo que os nossos olhos não podem enxergar, não podemos deixar de desejar a paz. Utopia, dir-se-há e tambem eu direi.

—E' difícil a missão de que a F.I.D.A.C. se fez patrona, mas talvez ela esteja convencida, como nós, de que há-de ser ao horror do passado que se vai buscar o antídoto para todas as lutas, a favor da paz geral. Não podemos nós, os antigos combatentes, desempenhar-nos eternamente desta missão pacifista, porque não somos eternos, mas pertence aos educadores actuaes—e devemos fazê-lo—crear nas gerações novas a necessidade de bom entendimento entre os povos, o que será a maneira mais segura de se desfazer o ódio que de vez em quando resalta entre as nações.

—Quem melhor do que os senhores professores e mentores das novas gerações, uns porque a sentiram, outros porque a sua inteligência durante êsse período abarcou os seus nefastos resultados, poderá educar as novas mentalidades contra ela também?

Já alguem disse que a peor guerra não foi aquela que se sofreu no campo de batalha. Devem ter razão. A morte só deve ser difícil no próprio momento de morrer. Depois é o nada ou o tudo: o esquecimento ou a eternidade; a terra ou o céu. Mais nada. Para muitos o alívio dum calvário; o desfazer dum sofrimento.

—Proclamando a necessidade da Paz e procurando por todos os meios mantê-la, a F.I.D.A.C. não repudia a existência da fôrça armada, enquanto ela se tornar necessária para a segurança dos Estados, sobretudo para se precaver contra os que, sem contarmos, se podem tornar hostis. Está dentro dos seus estatutos a propaganda nos estabelecimentos de ensino a favor da paz, premiando todos os que mais dedicadamente para tal contribuem. E assim propôz no congresso de Varsovia, no ano findo, que fosse condecorado o Liceu de Aveiro—o nosso Liceu. Depois da Casa Pia, do Instituto Feminino de Educação e Trabalho e do Liceu Pedro Nunes, somos que só por si um brilhante pendão de honra, coube a vez ao nome de Aveiro. Se foi ou não merecida estão a atestá-lo as antigas gerações, os rapazes do meu tempo e a mocidade presente.

Honra aos seus membros, quer docentes quer discentes. Honra a êles que lá estão, honra a todos nós que lhes vamos sentindo os benefícios.

Fazer propaganda a favor da paz, é fazê-la a favor da ordem, é disciplinar os espíritos, é contribuir para a paz de Portugal, para o sossego do mundo.

Parabens a V. Ex.ª, snr. reitor, por ter sabido orientar o ensino, no nosso Liceu, com aquêle aprumo e disciplina que é apanágio de espíritos bem formados e tambem parabens aos snrs. professores, que tão nobremente vindes contribuindo para fins tão altamente justos e patrióticos e ainda louvores a todos os alunos porque tão bem se têm integrado, com os seus directores espirituais para levantamento, não só da escola onde privam, como para os fins que temos em vista. Assim, meus senhores, vai o Liceu de José Estêvão,—estabelecimento de ensino que tantos homens de valor tem dado ao País, ser justamente homenageado. E cabe-me a mim a grande satisfação e honra de, em nome da Federação a que me venho referindo, isto é, em nome de perto de 8 milhões de ex-combatentes, disseminados por 10 países, fazer a referida entrega. Seja êle pouco, como valor ao mérito e à dedicação, mas valerá para o compensar de tão pequeno prémio, quizemos prestar-lhe aqui esta homenagem em público e pôr ao mesmo tempo o Liceu que procuramos reünir as boas vontades da cidade de Aveiro. Fomos bem sucedidos, como se vê, e não vindo tantos como queríamos,—somos, contudo, os suficientes para

A bem da Nação

—o—

Recebemos o seguinte ofício:

Sr. Director do jornal O Democrata
AVEIRO

A Jornada Corporativa de 4 do corrente, em Lamas, representou, incontestadamente, uma das mais notaveis afirmações nacionalistas levadas a efeito nêste Distrito.

Um tal facto, que profundamente tocou S. Ex.ª o Sub-Secretário de Estado das Corporações, deve-se à vatiosa e dedicada cooperação de autoridades diversas, organismos corporativos, associações patronais, grandes emprêzas do distrito, agremiações locais, individualidades nacionalistas e Imprensa que, respondendo amàvelmente ao apêlo desta Delegação e da Comissão Organisadora à qual tive o prazer de presidir, apoiaram moral ou materialmente a iniciativa.

A todos quantos tão perfeitamente compreenderam as responsabilidades do momento que passa e tão clara e activamente definiram o seu apoio, cumpre-me gostosamente manifestar o meu reconhecimento e elevada consideração.

E'-me grato distinguir a atenção dispensada por V. a esta Jornada.

Aveiro, 10 de Abril de 1937.

A Bem da Nação
O Delegado
José Manuel Sotto Mayor

A Feira de Março chegou ao fim

O que se pensa fazer no próximo ano para a tornar mais atraente

Está terminada a vida da Feira de Março de 1937. E' amanhã o último dia. Como já em números anteriores dissemos, foi uma feliz experiência da nossa Câmara Municipal, experiência que demonstrou aos mais incrédulos e aos mais caturras, que da Feira de Março muito pode esperar a cidade, se dêste depauperado mercado se cuidar com atenção e boa vontade. Foi feita a primeira prova, que resultou magnífica, como toda a gente viu. E a Câmara Municipal assim o reconheceu, motivo por que, na penúltima sessão se ocupou largamente do assunto, tendo resolvido:

1.º—Estudar as possibilidades de construir um abarracamento novo, de formas modernas, nas particularmente que aos comerciantes, que dêle se utilisam, possa dar um relativo e necessário confôrto que o actual não pode fornecer. Para estudar esta primeira resolução nomeou a Câmara uma comissão de três dos seus membros constituida pelos srs. dr. Lourenço Peixinho, Francisco da Silva Rocha e Carlos Aleluia, que agregou a si o arquitecto sr. Jaime dos Santos, constando-nos que os primeiros traços foram já feitos.

2.º—Dedicar a sua maior atenção ao problema do desenvolvimento da Exposição Industrial Distrital, pensando desde logo na modificação da disposição que a feira tem êste ano a-fim-de se obter uma mais larga superfície destinada a *stands*. Em breve começarão os convites a todos os industriais para depois estudar o novo plano a dar a todo êste importante mercado, que, de futuro, será tambem uma demonstração de valor industrial do distrito, em parte ainda desconhecido, dando ensejo a uma exibição dos produtos fabricados por êsses concelhos fóra e que é absolutamente necessária à vida agitada de concorrência que hoje atravessamos.

Louvores, pois, à Câmara da qual continuamos a esperar o impulso de que tanto carecia a Feira de Março.

O próximo ano será, sob o ponto de vista comercial, muito mais importante, em virtude da Pascoa vir alta. E a Pascoa é o barómetro deste tradicional mercado da nossa terra, que tanta gente chama, imprimindo-lhe movimento e mais animação.

Presidente da República

—o—

Na sua recente viagem ao norte, voltou a ser aclamadíssimo no Porto, em Braga e em Santo Tirso, onde esteve, o sr. General Carmona, bem como o Estado Novo e Salazar, que compartilharam das manifestações nacionalistas do povo, cada vez mais integrado na situação.

Registâmos com muito prazer esta atitude, que só enobrace e dignifica, além de se impor.

Falta de espaço

Por êste motivo deixa de entrar neste número alguma composição que não perde a oportunidade.

Estrada da Barra

—o—

Aproxima-se a época das excursões e em seguida a estação calmosa, continuando intransitável a estrada que conduz à Barra, com grande prejuizo não só para a viação como também para o comércio da Gafanha e das nossas praias.

Uma visita a Aveiro é quási sempre completada com um passeio à Barra e Costa Nova, sendo da máxima conveniência para o turismo e para os interesses daquelas terras que a sua estrada marginal, tão cheia de beleza e encantamento, seja concertada com brevidade de modo a todos poderem utilizá-la.

Não está certo, portanto, que os trabalhos de reparação se prolonguem indefenidamente, pois Aveiro também perderá se assim acontecer.

Querem mais sangue!

—o—

Ao festejar o aniversário da Comuna, a rádio moscovita disse, citando a autoridade de Lenine, que os verdadeiros revolucionários não se envergonhavam de aproveitar as lições dos movimentos das massas. E, depois de ter comparado a situação de Paris, nessa época, com a actual situação de Espanha, terminou por afirmar que a Comuna tinha falhado, devido à benevolência dos seus dirigentes para com a burguesia.

Pelos modos, os sádicos do «Komintern» ainda não estão satisfeitos com o sangue que corre em Espanha. Querem mais morticínios e atrocidades. E para excitar o zêlo homicida dos seus agentes, recomendam que não seja esquecida a lição da Comuna de 1870 que fracassou por não terem sido fuzilados bastantes burgueses.

E ainda há burgueses que defendem as «frentes populares», inspiradas, organizadas e orientadas pelos súbditos de Staline! Se querem suicidar se que se enforquem à vontade, mas deixem os outros viver em paz!

O TEMPO

—:—

Em Abril águas mil—é que assim tem sucedido, não se dignando a Primavera apresentar-se com carácter permanente. Ainda não nos deixou, portanto, a chuva, nem o frio, nem o vento agreste e incomodativo embora dois ou três dias aparecessem com melhor cara.

Até quando semelhante tempo?

"Ao cantar do Galo,,

—x—

Activam-se os ensaios desta revista local, que ultimamente sofreu algumas modificações em virtude dum contracto efectuado para ser representada em Lisboa no próximo mês de Maio.

O sucesso que tem obtido a revista *Ao cantar do Galo* é segura garantia de novos triunfos, pois estamos convencidos de que o *Grupo Cénico do Club dos Galitos* saberá honrar, como até aqui, o nome da cidade e da florescente agremiação donde saiu.

Isto embora custe a certos marmanjos de língua pôdre que tem pela gente desta terra o mais profundo desprezo...

O que aliás não é para admirar se se atender à sua categoria social, ou melhor, à sua estirpe...

Lêr a 4.ª página

Efemérides

17 de Abril

1790—Morre Franklin.

1838—Nasce João Bonança, autor da *História da Lusitânia e da Iberia* e um dos primeiros propagandistas republicanos em Portugal.

1880—Sai em Ponta Delgada o 1.º número do semanário *A República Federal*.

Governador civil substituto

—x—

Indigita-se para êste cargo, no nosso distrito, o sr. dr. José de Almeida Azevedo, conservador do Registo Predial.

Consta-nos que apenas seja nomeado entrará logo em exercício, visto encontrar-se algo adoentado o efectivo.

Êste número foi visado pela Censura

dar público testemunho da nossa gratidão ao Liceu de Aveiro, fazendo votos para que todo o corpo docente e discente continue dando à causa da F.I.D.A.C., que é a causa da Pátria e do mundo, toda a bôa vontade que até dagora tem dado.

Uma salva de palmas da assistência abafa as últimas palavras do orador.

Segue-se o sr. reitor do liceu

Dr. João Joaquim Pires

que se exprime desta maneira:

Em nome do corpo docente e discente do Liceu de José Estêvão, cumpro o gratíssimo dever de agradecer a V. Ex.ª, sr. representante da FIDAC, a subida honra concedida ao liceu de Aveiro, conferindo-lhe a medalha destinada a galardoar o esforço do estabelecimento de ensino que no nosso país e no decurso do ano de 1935--1936 mais se distinguiu no combate ao espírito belicista que procura arremessar os povos contra os povos, as nações contra as nações, os homens contra os homens, os irmãos contra os irmãos e até os pais contra os filhos!

Com tal distinção o liceu que dirijo não pode deixar de se considerar muito honrado, pois que se em todas as épocas e em todos os lugares o ideal da educação e da formação moral dos homens que se preparam para ser os condutores dos seus concidadãos e a quem cabe, por isso mesmo, o encargo de traçar as directrizes do agregado social com comunidade de interêsses económicos e morais, deve tender a eliminar a guerra como processo de resolver as divergências entre os povos, na hora que passa mais se acentua a necessidade de se desenvolver no espírito da mocidade o horror por êsse monstro, causador de tantas dôres, de tantas iniquidades e de tantas catástrofes morais e económicas.

Mercê, talvez, de mal entendidos entre os homens, ou de ambiciosas e descabidas aspirações de grandeza e de hegemonia de alguns povos, embriagados, sem dúvida, pela propaganda habilmente feita por exaltados ao serviço dos *trusts* armentistas, a Europa da actualidade — melhor — o mundo da hora incerta que vivemos, pode considerar-se um imenso paiol prestes a explodir à menor fricção que sôbre êle se produza. Todos os povos, à compita, consomem o melhor das suas energias na preparação do seu instrumento bélico e o mundo, atónito, vê os parlamentos de todos os países, até mesmo os de aquêles que sempre se afirmaram pacifistas, votar verbas verdadeiramente astronómicas com intuito de dar potencialidade incomensurável aos seus órgãos de ataque e de defesa.

O anseio e a febre dos armamentos dementam os homens e não é sem amargura que os que têm a alma bem formada e desejariam que a «fôrça do direito» triunfasse do «direito da fôrça» verificam que por toda a parte a diplomacia procura resolver as controvérsias fortuitas, ou propositadamente provocadas, entre as chancelarias, apoiando as suas teses apenas no número e na potencialidade dos seus canhões.

Parece que o direito, a moral e a noção de respeito mútuo que os homens, como os povos, uns aos outros se devem, tendem a desaparecer da alma humana para deixarem que em seu lugar se instalem a iniquidade, a licença e o egoismo, fazendo do homem uma fera cujos actos só são limitados pela lei da fôrça.

Ora a humanidade, se não quiz r destruir-se, precisa de arrepiar caminho, antepondo ao fragor estridente das batalhas, consumidoras de vidas e de fazendas, o trabalho pacífico, criador de riqueza e garantia da continuidade da espécie humana; às grandes construções materialistas, as realizações morais; à adulação da fôrça, o culto do direito e da justiça; ao ódio, o amor e a fraternidade.

Que esta medalha, hoje solenemente entregue ao liceu de Aveiro, seja, minhas senhoras e meus senhores, o talisman que faça nascer nesta encantadora e ridente cidade, um movimento de solidariedade humana, de respeito mútuo pelos direitos de cada um e de todos, de culto pela «fôrça do direito» e de repulsa pelo «direito da fôrça», que tem a sua mais alta expressão na guerra, que, crescendo, alargando-se, envolva todas as cidades, vilas e aldeias de Portugal e que, continuando a crescer, a alargar-se, ultrapasse as fronteiras do nosso país, e acabe por envolver todas as cidades, vilas e aldeias do mundo, para que os homens de todas as fés, de todas as côres e de todas as ideologias políticas e sociais, possam abraçar-se fraternalmente e declarar guerra à guerra.

Mas se os nossos desejos de paz e de respeito pelos direitos dos outros forem mal compreendidos e se alguém procurar atentar contra os nossos próprios direitos, confundindo o nosso pacifismo, derivado da superioridade da lei moral que orienta os nossos actos, com pusilanimidade ou fraqueza, nós, armados com a fôrça que promana do direito e da razão, saberemos ser fortes para os defender, ainda que pa a tanto tenhâmos de derramar a última gôta do nosso sangue.

Resta-me, sr. representante da FIDAC, reiterar-lhe os meus melhores agradecimentos, não só pela entrega da medalha, que tanto nos enobrece e que de futuro nos obrigará a trabalhar mais e mais em favor do ideal da paz, mas também o brilho e luzimento que V. Exª quis dar a êste acto, e pedir-lhe que transmita à sua representada o profundo reconhecimento do Liceu de Aveiro pela grande honra que lhe concedeu, conferindo-lhe tão alta e significativa distinção.

E a vós, estudantes de hoje e de àmanhã, depositários da tradição e da honra feita e conquistada pelos estudantes de ontem, concretizadas nêste trofeu que êles ganharam e vos vão entregar, fazei por transmiti-las mais enobrecidos ainda à geração que vos sucederá.

Outra revoada de palmas ecôa na sala e adianta-se para falar o estudante

José Gouveia

Alguns apanhados:

A entrega da medalha da Paz, galardoando o esfôrço feito pelos estudantes de Aveiro em prol da difusao dos ideais pacifistas, constitue um motivo de grande regosijo para a Academia Aveirense, e não só para nós, mas também para a cidade.

—Porprincípio, por responsabilidade, e ainda por instinto de conservação, devemo-nos tornar paladinos da harmonia entre os povos

Pela fôrça das armas muito dificilmente nos poderemos impôr.

—Seremos patriotas, e tanto mais, quanto mais pacifistas fôrmos. Que todos saibam que as ideas de patriotismo e pacifismo não são incompatíveis. Ser patriota é presar a independência, a liberdade da sua pátria; é contribuir para a felicidade, para o bem estar dos seus concidadãos. O patriotismo deve ser um meio necessário para a consecução dum fim: a Humanidade.

—A conquista da Paz é uma conquista de liberdade. É a libertação do espírito para a orientação voluntária dos nossos destinos.

O ideal guerreiro é o ideal dos pèssimistas, dos que crêem na maldade absoluta dos homens, dos que vêm a miséria, o egoïsmo e o ódio como doenças eternas da Humanidade. Pelo contrário: o ideal da Paz é optimista, é Ideal activo, construtivo e próprio dos que acreditam num aperfeiçoamento progressivo do ser humano.

A guerra é sinónimo de violência; logo é ilegal, é injusta, e nada é mais nobre do que ter a Justiça a orientar os nossos actos.

A obra da Paz deve ser obra de instrução, educação e assistência. Isto é essencial: sem pão, instrução e educação, nada feito. Como é «lugar comum», a instrução só será eficaz quando tiver a orientá-la uma educação essencialmente humana. Em caso algum, porém, se conseguem resultados positivos, se a instrução e a educação não forem acompanhadas de assistência.

—Eduquemo-nos no espírito pacifista. Que os esforços dos bons se conjuguem para imporem a Paz ao mundo. Ela só se consegue quando imperar a boa--fé, a lealdade e a confiança nas relações entre os povos. Só assim é que se pode pensar numa verdadeira e sã revolução ou reforma social. Sem uma organisação do trabalho regularmente elaborada, sem uma justa distribuição das riquesas e dos confortos que do desenvolvimento da técnica científica resultaram, sem uma comparticipação modelar dos bens que as descobertas científicas legaram à humanidade, a Paz é irrealisável. A disputa entre os homens continuará, violentamente, enquanto o problema da miséria não fôr solucionado. O que se conclue, portanto? Conclue-se que a Paz é necessária para serenamente, humanamente, se operarem as reformas tendentes ao melhoramento das condições de vida do homem; conclue-se, ainda, que só cuidando sensatamente do problema social, essa mesma paz poderá ser duradoira.

Companheiras! Raparigas que vos preparais para a vida melhor do que as vossas antepassadas; que adquiris, com a vossa formação intelectual e moral uma mais perfeita consciência da vossa missão: eu digo-vos como disse Marta de Mesquita há pouco: *Os homens podem destruir o mundo independentemente das mulheres, mas não conseguem reconstruí-lo sem o auxílio delas.*

Combatentes, que representais a mais eloqüente fôrça moral: que enquanto um de vós fôr vivo, haja um grito de protesto contra a guerra—uma voz desassombrada que clame Justiça!

E companheiros, estudantes aveirenses, que recebeis hoje a consagração merecida pelo esfôrço dispendido a favor duma idea generosa e altruísta e que possuís entusiasmo, impulsividade e arrebatamento: transmito-vos a medalha que é hoje vossa pertença. Que ela seja um incentivo para que continueis a unir os vossos esforços por uma causa, que é bem a causa vital da Humanidade.

Os colegas de José Gouveia ovacionam-no demoradamente depois do que fala o sr.

Armando Magalhães

Principia:

De terra um pouco distante — do coração da Bairrada — região fecunda em vinhêdos e que se estende, verdejante, das faldas do Caramulo até à águas prateadas do vosso mar, eu venho aqui trazer-vos um abraço dos combatentes e do bom povo de Anadia.

É pouco, mas é uma lembrança sincera, que espero seja recebida de coração aberto por toda esta numerosa e selecta assistência, como de coração aberto eu recebo a vossa presença a esta cerimónia que diz respeito aos homens da Guerra, demasiadamente satisfeito e com a alma rejuvenescida por ter a felicidade de passar algumas horas envolvido nêste ambiente sàdio e perfumado, ao lado das flores e da boa gente da cidade de Aveiro.

A uma cerimónia como esta, que tem por fim prestar homenagem aos homens que se bateram a meu lado na guerra, homens que experimentaram as mais duras conseqüências da expontânea manifestação do seu ardor patriótico sôbre os areais escaldantes da África e sôbre as planicies geladas dá Flandres, não podia faltar.

E não faltei, porque sou também um apóstolo fervoroso da Causa dos Combatentes e, mais ainda, porque sou filho de Portugal.

Dezenove anos estão decorridos após o términus da luta travada entre as nações que se bateram, para legarem ao mundo o horripilante quadro de sangue, de luto e de miséria, que continuamos a contemplar na nossa frente.

E prosseguindo num tom que se nos torna impossível acompanhar, cita, a propósito, o que António Granjo um dia escreveu num assomo de revolta contra o ostracismo a que haviam sido votados os seus companheiros na Grande Guerra:

Parece haver muitos portugueses que trazem dentro de si os corações mortos. A nossa vida parece estar só nos nossos olhos para nos odiarmos e nos nossos lábios para nos caluniarmos. Aos homens que na Africa e na Flandres afrontaram a morte compete saltar para o parapeito e gritar a êsses corações — Mortos, a pé!

Por último discursa o sr.

Maia Alcoforado

a quem um estudante colocou sobre os ombros a sua capa negra e que começa por se referir ao convite que lhe fôra feito pelo sr. capitão Campos Rego para proferir algumas palavras sobre a data que se estava comemorando. Aceitou de bom grado essa incumbência por se tratar dum militar brioso, que à Liga dos Combatentes da Grande Guerra tem prestado assinalados serviços, esforçando-se o mais possível para ser útil a quantos a necessidade obriga de a ela recorrerem, pela força das circunstâncias. Põe também em relêvo o seu patriotismo e depois saúda o Exercito com o qual se orgulha de manter afectividade. Cumprimenta o sr. Reitor do Liceu, cuja competência exalta e refere-se elogiosamente à Academia de Aveiro de que fez parte quando estudante. Saúda igualmente os camaradas presentes, aquêles que foram seus companheiros na Grande Guerra e na pessoa do sr. Presidente da Câmara saúda todos os aveirenses, sem excluir as senhoras que se acham na sala, a quem beija carinhosamente as mãos — diz. Fala do 9 de Abril em que se pôz à prova o heroismo da raça portuguêsa, do soldado de Portugal. Salienta a justiça que merecem quantos se bateram pela dignidade nacional e faz um apêlo em benefício da Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra para que possa cumprir a sua missão de olhar pelos estropeados e doentes, afim de lhes atenuar os seus males. Sobre paz, recorda esta frase de Shakespeare — *Só a paz gera os homens fortes.*

A história dos combatentes está sinteticamente feita. A história da guarnição de Aveiro no sector que lhe fôra destinado é conhecida de todos. Não a repete, por isso. Só quere, para terminar, que ninguém se esqueça de vêr na frase — *Esta é a ditosa Pátria minha amada* — o que ela traduz de significativo na hora presente.

Estrugem mais palmas. O sr. capitão Campos Rego reforça o apêlo feito em benefício da Agência da Liga de modo a facilitar a sua missão e por último, ao som da *Portuguesa*, é colocado no estandarte o laço representativo das condecorações já mencionadas, encerrando-se, logo após, a sessão.

Ia a tarde em mais de meio.

Secção desportiva

Basket-Ball

No penultimo domingo realisou-se nesta cidade um encontro desta modalidade entre o *Guifões Sport Club*, do Porto e o *Internacional A. Club*, saindo vencedor aquêle por 29-25.

O *I. A. C.* retribuiu, no domingo, a visita, indo ao Porto jogar com aquêle valoroso grupo, ficando vencido por 12-5.

Foot-Ball

Beira-Mar — Galitos

Realisa-se àmanhã, no Estadio Municipal, um desafio entre os dois velhos rivais — *Beira-Mar — Galitos* — revertendo a receita das entradas a favor dos pobres da cidade.

Principiará ás 16 horas, sendo disputada uma taça.

Y.

Gatunos em acção

=x=

No bairro Aires Barbosa, Rua de Ilhavo e imediações, os *cavalheiros* têm operado ultimamente com tal perícia que a colheita em certas capoeiras deu resultados magníficos.

Aproveitamos o ensejo para lembrar ao sr. capitão Quina Domingues que aquêle populoso bairro precisa ser policiado e ao mesmo tempo pedir a quem de direito que o mande iluminar até à passagem de nível de S. Bernardo.

Impôsto da Barra

—o—

Os contribuintes desta cidade, sujeitos ao impôsto de $02 por cada litro de vinho consumido e que fizeram as suas propostas de avença para o corrente ano nos termos do decreto n.º 22.542 de 18 de Maio de 1933 podem reclamar, querendo, da importância que lhe foi fixada, no prazo de três dias a contar de 19 do corrente, na secção de Finanças dêste concelho.

Aqui fica o aviso.

No paraíso bolchevista...

=x=

Noticíam os jornais soviéticos que pioraram as condições de alimentação dos operários, na bacia do Don. E citam alguns casos bastante elucidativos.

De 860 cozinhas que funcionavam em 1935 estão fechadas 450. Muitas dessas cozinhas foram transformadas em fábricas de guloseimas para a nova burguesia burocrática.

Nas minas de Iendokief substituiram uma cozinha modêlo que fornecia comida para mais de 300 pessoas por uma antiga que não pode fornecer refeições a mais de 200.

O paraíso bolchevista vai, de facto, na vanguarda da miséria do proletariado!

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Lourinda Tavares de Sousa, professora oficial e irmã do sr. António Tavares de Sousa; àmanhã, o nosso velho amigo dr. António Lucio Vidal, de Vigos e o sr. dr. Vitorino Simões Cardoso, tenente médico de Infantaria 19; no dia 19, a inocente Maria Eduarda, filhinha do sr. Mario Trindade; em 20, a simpática tricaninha Adélia Mateus Ferreira, cunhada do alferes Francisco António Wenceslau, de Cavalaria 9 e o sr. Joaquim Coelho Huet e Silva, aspirante de Finanças em Ponte de Lima; em 21 os srs. António Carvalho da Silva e José Lopes Vieira e o nosso amigo dr. Carlos Alberto Ribeiro, médico em Eixo e em 23, a interessante Maria Luisa de Rezende Godinho, filha do sr. José Lopes Godinho, professor no concelho de Oliveira de Azemeis.

Partidas e Chegadas

Vindo de Lisboa, em carro, passou na quarta-feira por esta cidade, acompanhado por sua esposa e filho, o nosso presado amigo Henrique da Silva, a quem tivemos o gosto de abraçar na Pastelaria Central.

Depois de visitarem a Feira seguiram para Ovar.

—De regresso de Lourenço Marques (Africa Oriental) aonde foi de visita a seu filho Jaime, que ali se encontra, vem a caminho da metropole com a saúde um pouco abalada, a sr.ª D. Rosa Lima, estremosa mãe do engenheiro Mateus de Lima.

—De Celorico da Beira onde chefiava a agencia da Caixa Geral de Depositos, veio transferido para a filial desta cidade o nosso conterrâneo Raul Marques de Almeida, a quem felicitamos.

—A continuar os seus estudos partiram para Lisboa: o sr. José Maria Soares Carinha e para Coimbra os nossos conterrâneos Manuel Esteves e Domingos Vicente Ferreira, alunos universitarios.

—Estiveram nesta cidade os srs. António Augusto Martins, empregado na Vacuum Oil Company, em Coimbra, e, com sua esposa, o sr. José Robalo (filho) residente no Entroncamento.

—Para esta ultima localidade seguiu o farmaceutico sr. Domingos João dos Reis Junior e para a Foz do Douro o sr. Artur José de Sousa, êste acompanhado de sua esposa.

Coisas e tal...

Fez a sua segunda apresentação no nosso teatro, no passado sábado, a Orquestra Aveirense, *organisada e dirigida por João Lé. Apresentou-se com quarenta e cinco executantes, embora, certamente por lapso, os programas tivessem anunciado trinta.*

Este sarau de arte principiou pela exibição do filme Sinfonia Incompleta, *que mostra algumas passagens da vida do grande Schubert e nos delicia com alguma da sua música. Estava, porém, o filme em estado deplorável e muitíssimo encurtado. Enfim, passou; e como era já filme visto, apenas nos interessava a orquestra.*

Abriu o concêrto com a sinfonia Fresichutz, de Waber. *Obra admirável e bem de concêrtos de orquestra.*

Agradou-nos. Umas pequeninas falhas, insignificantes, uma palhêta que não interveio a tempo... uns pequeninos nadas que nada obscuresse o trabalho que se nos apresenta e nos conforta.

Podemos dizer: muito bem.

Seguiu-se o Andante, de Bach. *Bem executado e poderíamos dizer perfeito se não fôra uma pequena incerteza nos violoncelos. É justo distinguir o violino solista, D. Firmina Miranda. Muito bem. João Lé precipitou a entrada neste número.*

Achámos também muito bem o arranjo, que é feliz, pois consegue dar à melodia uma harmonia cheia de simplicidade e beleza. Ouvimos dizer que era obra de João Lé. Se assim é, parabéns. É um bom trabalho.

Depois o Minueto, *de João Lé, revelando-se, portanto, o jóvem músico também inspirado autor. Melodia encantadoramente ritmada, com arranjo orquestral bem equilibrado, dá, na 2.ª parte, um breve, mas difícil trabalho ao violinista solista, que D. Firmina Miranda vence com perfeição.*

Terminou o programa com a marcha da Tanhäuser, *de Wagner, que também agradou absolutamente.*

Extra-programa, o Momento Musical, *de Schubert, que foi muito melhor executado que no anterior concêrto, e repetição do* Minueto, *de João Lé, que mereceu, mais uma vez, o louvor do público.*

Concluindo: gostámos. E novamente pedimos a João Lé que as contrariedades e dificuldades que hão-de fatalmente surgir o não desanimem e o não vençam. A todos os executantes também o reconhecimento dos aveirenses, pedindo-lhes que se não diga àmanhã que tudo que é bom, acaba em Aveiro.

Com sacrifício, embora, que a vossa colaboração não falte nesta obra altamente educativa para o nosso povo.

E, para terminar, atrevo-me a fazer um pedido.

Não será possível, para o próximo concêrto, fazer o rèclame devido? Parece que há mêdo de anunciar os concêrtos...

É que, no sábado, pouca gente sabia que a Orquestra Aveirense se apresentava.

Ac.

Almanaque de Fafe

=o=

Mais um volume — o 29.º — desta publicação anual de que é proprietário, director e editor o nosso velho amigo de *O Desforço*, Artur Pinto Bastos.

A principiar pela ilustração da capa, primorosa sob todos os pontos de vista, o *Almanaque de Fafe* é um livrinho de propaganda regional cheio de encantamento porque, quer a parte literaria, em prosa e verso, quer as gravuras com que se apresenta recheiado, o tornam deveras atraente a quem o folheia. Além disso tem a parte anedotica e recreativa; a que interessa aos lavradores; a utilitaria, formando tudo um conjunto que só temos pena de não podermos reunir para um — *Almanaque Ilustrado de Aveiro!...*

Com uma coisa, porém, não concordâmos e pedimos desculpa da nossa franquêsa. Queremos referir-nos à escolha de determinadas tintas de côres que não nos parece serem as melhores para certas gravuras. De resto, receba Artur Pinto Bastos os nossos parabens pelo seu trabalho, que é perfeito, e honra a linda vila minhota, de que conservâmos saudosa recordação apezar-de a termos visitado antes de ostentar os arrebiques que agora apresenta.

Consultas médicas

=o=

Começa àmanhã a dar consultas nesta cidade o nosso conterrâneo sr. dr. Alberto Costa, com residência em Coimbra, onde se tem dedicado a doenças das senhoras e dos recem-nascidos, sendo bastante considerado pelos seus conhecimentos científicos.

Vêr o anúncio adiante.

Os bacalhoeiros

—o—

Prepara-se a nossa frota para largar com rumo à Terra Nova e Groelandia em busca do fiel amigo. E' a luta pela vida, mais ou menos espinhosa, mas necessaria porque, afinal, temos de trabalhar uns para os outros.

Ecos da Capital

O Palácio de Santo Amaro e os aveirenses

Quem descer na estação do Rossio e quizer visitar os Jerónimos ou gozar a briza fresca do Tejo, tem logo a dois passos, à direita do Teatro Nacional, o eléctrico que o conduzirá a Belém ou a Algés, passando por Santo Amaro.

É em Santo Amaro, em frente ao local onde hoje estão instalados os «hangars» dos eléctricos, que se ergue o velho Palácio de Santo Amaro, cuja história anda ligada ao nome de aveirenses ilustres.

O Palácio de Santo Amaro pertencia em 1831 a José Ferreira Pinto Basto, que ali passou a viver definitivamente em 1834, depois de alcançada a vitória pelos liberais. Deram-se lá jantares, festas e recepções sumptuosas, às quais concorreu a melhor sociedade, e o seu feliz dono teve muitas vezes o prazer de vêr sentados à volta de si, à mêsa, 80 pessoas de família. (1)

Diz-se que a própria Infanta D. Isabel Maria lá estave a bordar, com outras senhoras, uma linda bandeira nacional.

O palácio veio depois a pertencer a uma filha de José Ferreira Pinto Basto, casada com um primo, Custódio Teixeira Pinto Basto.

Ainda eram êstes os donos do palácio quando nele se instalou um alto personagem, acompanhado de sua família, o Duque de Montpensier, que, por ter sido mandado saír do reino visinho pelo Govêrno da Raínha Isabel, se acolheu a Portugal. Ainda não há muitos anos eram vivas pessoas que se lembravam de o ter visto passear a cavalo pela Junqueira.

Foi a 17 de Julho de 1868, pelas 7 horas da tarde, que os Duques chegaram ao Tejo, vindos de Cádiz, a bordo da fragata espanhola «Villa de Madrid».

A 3 de Agosto seguinte, foram os Duques residir no palácio, para tal fim mobilado custosamente. (2)

Êste palácio é o que fica no princípio das escadinhas.

As escadinhas levam até à capela—*ermida* lhe chamavam ainda os bairristas, porque, não há muitos anos, o sítio era um ermo. A 15 de Janeiro, dia de Santo Amaro, é que se fazia a festa e romaria dos galegos residentes em Lisboa. Vinham aos grupos e à frente deles os tradicionais gaiteiros, os homens do tamboril, do redobrante e do zabumba.

O filho do Rei Luís Filipe e família habitavam o 1.º andar do Palácio. Para essa residência foi o Conde de Mafra viver, com a família, quando os príncipes estranjeiros voltaram para a sua terra. (3)

Com efeito, mêses depois de se terem instalado em Santo Amaro, visto ter sido destronada a Raínha Isabel, voltou o Duque de Montpensier para Espanha, onde se apresentou como candidato à corôa.

Depois da fuga de D. Isabel para França houve sérios embaraços na escolha dum sucessor, principalmente ante a negativa de seu jóven filho. Por isso foi eleito Amadeu de Aosta, filho segundo do rei Victor Manuel, de Itália, o qual aceitou a corôa. O Duque de Montpensier foi, como já se disse, um dos pretendentes à corôa.

A eleição de Amadeu foi devida, principalmente, à iniciativa de Prim. Mas pouco antes de desembarcar Amadeu em Espanha (30 Dez. 1870) foi assassinado aquele general na sua carruagem ao regressar uma noite do Congresso para casa. Privado do apôio a quem devia a sua posição, Amadeu fez tudo quanto lhe foi possível para bem desempenhar o difícil papel de um rei estranjeiro que devia governar com uma Constituição republicana; mas a oposição com que tropeçou por tôdas as partes, sem falar das tentativas que se puzeram em prática para o assassinar nas ruas de Madrid, induziram-no a aproveitar a primeira oportunidade que se apresentou para abandonar a sua pouco invejável situação. Abdicou em 11 de Fevereiro de 1873, tendo reinado pouco mais de dois anos.

A partida de Amadeu foi seguida da instauração da Rèpública. A curta etapa republicana iniciada em 1873, veio a terminar em 1874. Em menos de um ano o fracasso daquele govêrno republicano deu lugar a várias intervenções militares; o capitão general de Castela a Velha, Pavía, chegou a mandar as suas tropas ao Congresso, as quais puzeram na rua os deputados. Em 28 de Dezembro de 1874, o general Martinez Campos, um dos chefes do exército central que operava contra os carlistas, proclamou sùbitamente, em Sagunto, rei de Espanha o filho de D. Isabel II, D. Afonso XII que atingira a maior idade.

Afonso XII, educado em Viena e em Sandhurst (Inglaterra), chegou a Madrid em 1875. A sua primeira empreza foi pôr fim à guerra carlista, o que conseguiu em 1876, e, dois anos mais tarde, à rebelião permanente de Cuba, que foi sufocada temporàriamente pelo general Martinez Campos.

Em princípios de 1878 casou o Rei com sua prima, a infanta D. Mercedes, filha do Duque de Montpensier, e falecida esta ao cabo de poucos mêses, D. Afonso XII contraíu segundo matrimónio com a arquiduqueza de Áustria, D. Maria Cristina, em 30 de Novembro de 1879.

Pouco depois da saída dos Duques de Montpensier, cuja filha, D. Mercedes, que foi raínha de Espanha, viveu também em Santo Amaro, Custódio Teixeira Pinto Basto, no Porto, que residia resolveu vender o palácio. Talvez por dificuldade na sua venda, parte do 1.º e 2.º andar do palácio chegou a alugar-se para o «tempo dos banhos». (4)

Quem diria hoje que na praia da Junqueira, a Santo Amaro, se tomavam banhos de mar!

Era isto no tempo em que os príncipes portuguêses vinham passear a Alameda da Junqueira, e a Junqueira era ainda um subúrbio fóra de portas e na quadra própria uma praia freqüentada pelos bairristas, alguns da mais alta nobreza e forte burguezia. (5)

O palácio foi então comprado pelo Visconde do Barreiro, Francisco da Silva Melo Soares de Freitas, natural de Aveiro, fidalgo cavaleiro da Casa Real, que lá passou a viver com sua família. Seu irmão Clemente da Silva Melo Soares de Freitas, foi juiz de fora na Vila da Feira. Morreu no Porto a 7 de Maio de 1829. Foi o 6.º dos Mártires do Liberdade, justiçado no patíbulo pelos seus sentimentos liberais, em virtude da sentença da sanguinária Alçada do Porto, por acordão de 9 de Abril do mesmo ano. Os seus restos mortais repousam em mausoleu comemorativo no centro do cemitério velho de Aveiro.

Conselheiro d'El-Rei D. Luís I, Comendador da Órdem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, deputado da Nação na legislatura de 1865-68, o Visconde do Barreiro, de combinação com cinco amigos, capitalistas como êle, constituíram exclusivamente entre si sociedade mercantil, e companhia anónima, sôb a designação de Companhia Nacional de Caminhos de Ferro do Sul do Tejo, com o intúito de serem os primeiros que levassem a efeito, sem auxílio pecuniário alheio, àlém do seu crédito individual, a construção da via férrea do Barreiro a Vendas Novas, na distância de 57 quilómetros, com um ramal para a cidade de Setúbal, na extensão de 13 quilómetros; cujo caminho de ferro, depois de concluído, trespassaramao Govêrno do Rei D. Luís, pelo preço médio de 13.500$000 réis, cada quilómetro, por contracto de 5 de Agosto de 1861 e confirmado pela Carta de Lei de 10 de Setembro do mesmo ano.

Das duas filhas do Visconde do Barreiro, a mais velha, casou com seu primo o 1.º Barão de Cadôro, e a outra foi Condessa de Bomfim pelo seu casamento com o 3.º Conde de Bomfim.

A 7 de Julho de 1871 nasceu naquele Palácio de Santo Amaro (e não no Palácio de Santo Amaro a S. Bento, que também pertenceu a seu avô) D. Maria Tereza de Faria e Melo, mais tarde Baronesa da Recosta, 1.ª neta dos Viscondes do Barreiro.

O Visconde do Barreiro morreu no dia 30 de Junho de 1877 no seu palácio de Santo Amaro, cuja história ficou ligada ao nome de aveirenses ilustres.

X.

(1)—*A Fábrica da Vista Alegre—Apêndice ao Livro do seu Centenário*, pág. 31.

(2)—*Diário de Notícias*, de 2 de Agosto de 1868.

(3)—*Memórias*, do Conde de Mafra, pág. 52.

(4)—*Diário de Notícias*, de 25 de Maio de 1871.

(5)—*Diário de Lisboa*, de 13 de Março de 1931.

Inspecção Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas

Nota dos serviços efectuados pela Séde da Inspecção e suas Delegações e da receita cobrada para o Estado, no mês de Fevereiro de 1937

Repartição dos serviços das Industrias e do Comércio Agrícolas

I—a) *Licenças concedidas:*

De laboração:

Padarias	10
Moagens	150
Lagares de Azeite	15
Fábricas de adubos	13

De venda e fabrico:

Padarias	5
Moagens (trocas e vendas)	19
Adubos (venda)	368
b) *Cartões profissionais concedidos*	75
c) *Numero de autos levantados*	28

II—*Serviços da Secção do Comércio Agricola:*

a)—Verificação de margarina fabricada em Portugal	6.150 Kgs
Idem, importada	15.417 »
b)—Idem de lã para expoitação	153.000 »
c)—Autorizações para transito de alcool industrial no Continente	145.758 L.^(s)
d)—Idem, para desembaraço alfandegario de géneros, nos termos dos decretos n.^(os) 20.545 e 22.854:	
Assucar exótico	9.761 Kgs
Cacau colonial	3.020 »
Café colonial	43.562 »
Café exótico	31.640 »
Cola exótica	58 »
Couros coloniais	2.860 »
Couros exóticos	1.205 »
Goma exótica	1.076 »
Milho colonial	3 682 446 »
Sementes oleaginosas	14 000 »
Sementes exóticas	67.519 »

e)—Movimento dos Armazens Agricolas (Lisboa)

I—Mercadorias entradas:

Grão de bico	2.370 Kgs
Arame	5.050 »
Taras	4.245 »
Conservas	5.681 »

II—Idem, saídas:

Cêra pura	995 »

Repartição dos Serviços de Fiscalização

I—*Serviços da Séde e Delegações:*

Estabelecimentos visitados	4.603
Autos levantados	414
Apreensões e sequestros	42
Desnaturações e inutilizações	22
Amostras colhidas	255
Productos analizados	183 (1)
Processos enviados ao Poder Judicial	96
Idem, ao Poder Colectivo	127

(1) 90 normais e 93 improprios.

II—*Descriminação do serviço noturno da brigada de fiscalização técnica das padarias (de Lisboa):*

Estabelecimentos visitados	364
Autos levantados	82
Apreensões e sequestros	19

Movimento dos Laboratórios (Lisboa)

Numero de analises	141
Numero de determinações	1.148
Receita para o Estado, cobrada pela Séde (Serviços das Repartições e Laboratórios):	42.200$80

(Esta verba não inclue a receita proveniente das multas impostas pelos Tribunais Colectivos e Ordinários, nos julgamentos motivados por processos instaurados pela Inspecção Geral).

Delegação do Porto:

I—Estabelecimentos visitados	522
Autos levantados	150
Vistorias	14
Inquéritos	6
Notificações e intimações	46
Amostras colhidas	78
Receita para o Estado	10.873$45

Descriminação do Serviço Nocturno da Brigada de Fiscalização Técnica das Padarias (do Porto):

Padaria visitadas	271
Autos levantados	70
Amostras colhidas	22

III—*Movimento do Laboratorio:*

Numero de analises	117
Numero de determinações	1 280
Receita do Laboratório para o Estado	2.350$50

Delegação de Coimbra:

Estabelecimentos visitados	292
Autos levantados	64
Amostras colhidas	22
Receita para o Estado	7.534$00

Delegação de E'vora:

Estabelecimentos visitados	87
Autos levantados	13
Amostras colhidas	10
Receita para o Estado	241$50

Delegação de Santarém:

Estabelecimentos visitados	55
Autos levantados	5
Amostras colhidas	1
Receita para o Estado	2.520$00

Porto e 1.ª Delegação da Inspecção Geral das Industrias e Comércio Agrícolas, em 3 de Abril de 1937.

O Chefe da Delegação,

João Braga

Meteorologia e Sismologia

Previsões de 18 a 24 de Abril

METEOROLOGIA

Oscilação barométrica geral—Começa em 20 a subida barométrica, destacando-se, em 22 e 24, duas oscilações bruscas.

Datas de novos ciclones—Em 18 e 22.

Movimentos mais sensíveis no campo de pressão—Em 18, 22 e 24.

Tempo em Portugal—É provável que o tempo, no decorrer deste período, se apresente, por vezes, de chuva, com trovoadas e ventoso, principalmente de 18 a 21.

Tempo no estrangeiro—Tendência para mau tempo e maior intensidade dos ventos: em Espanha, França, Inglaterra, Italia, Polónia, China e E. U. da América do Norte.

Oscilação provável de temperatura na Peninsula—Tendencia para subir até 23.

SISMOLOGIA

Datas de maior sensibilidade: em 21 e 23.

Setúbal, 13 de Abril de 1937.

A. CARVALHO SERRA

Necrologia

Quando no último domingo d tarde se encontrava no cemitério sul desta cidade, foi acometido duma alucinação em virtude da qual perdeu a vida, o filho Rufino do nosso velho amigo António Souto Ratola, comerciante local. Lamentando a triste ocorrência, pois se trata dum rapaz novo—28 anos, apenas—que gosava da estima de quantos freqüentam o estabelecimento do pai, onde trabalhava, e lhe são afeiçoados, aqui deixamos a António Ratola um comovido abraço já que palavras não temos para atenuar o seu profundo desgosto.

O extinto era sobrinho dos srs. dr. Alberto Souto e Pompílio Ratola.

* * *

Um telegrama de S. Vicente de Cabo Verde, expedido no dia 11, informa ter ali falecido duma congestão cerebral o coronel médico Francisco Augusto Regala, que durante 40 anos prestou valiosos serviços naquela nossa possessão ultramarina.

O sr. dr. Francisco Regala, figura simpática e possuidor de qualidades que muito o distinguiam e honravam, era natural de Aveiro, onde vivem três irmãs: D. Dôres, casada com o sr. Carlos Duarte, empregado na filial do Banco Ultramarino; D. Idalina, casada com o sr. Carlos Figueiredo e D. Crisanta, viúva do malogrado tenente Rezende, que nas campanhas de Africa foi vítima da sua bravura em luta com o indígena. Filho de outro médico, o dr. Luís Regala, que da sua profissão fez um sacerdócio, chorando o povo a morte dêsse autêntico benemérito como se tivesse perdido o ente mais querido, não admira que o mesmo tenha sucedido com o coronel Francisco Regala, agora, em Cabo Verde, onde era estimadíssimo e deixa um nome que dificilmente se apagará da memória dos que vivem naquela colónia—com orgulho de aveirenses o afirmamos.

Apresentando à família enlutada os nossos sentidos pêsames, vamos diligenciar obter elementos que nos habilitem a dedicar ao conterrâneo ilustre, para sempre desaparecido do seio da terra, mais algumas palavras destinadas a vincar melhor a sua personalidade visto sabermos serem importantíssimos os serviços prestados pelo extinto longe do torrão natal.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Manuel Dias dos Santos, viuvo, de 82 anos; em *S. Bernardo*, Custódio dos Santos da Benta, viuvo, de 75 e em *Mataduços*, Maria Amélia Morais da Cunha, de 25, ceifada pela tuberculose e casada com Manuel dos Santos Maia.

Correspondencias

Esgueira, 15

Os larápios têm por aqui operado, principalmente nas capoeiras, onde fazem verdadeiro desvaste. Na noite de segunda-feira arrombaram a porta do estabelecimento do sr. Manuel Joaquim da Silva, de onde roubaram o pouco dinheiro que havia na gaveta e duas canetas.

A polícia procede a averiguações, tendo já capturado alguns dêsses meliantes.

—Deu à luz, na última semana, um menino, a sr.ª D. Isaura Farto Branquinho, esposa do sr. Amaro Branquinho e filha do nosso amigo Manuel Mateus Farto.

Parabéns.

—Foi pedida em casamento para o sr. José Maia, industrial de panificação na capital, a menina Beatriz da Silva Baptista, simpática filha do sr. João da Silva Neto.

O enlace efectuar-se-há brevemente.

—Adoeceram os srs. Américo Ramalho e Carlos Branco de Carvalho. Desejamos-lhes completo restabelecimento.

C.

COMUNICADO

Feira de Março

Uma comissão de comerciantes concorrentes à Feira de Março, entregou à Ex.ma Câmara Municipal dêste concelho um requerimento assinado por 46 interessados, queixando-se do estado deplorável em que se encontra o actual abarracamento, que não lhes preserva a mercadoria de deteriorações provenientes da chuva e pedindo providências.

Mais se queixam de que dependem uns dos outros para efeito de abrirem ou fecharam, o que lhes causa transtornos e representa um contracenso, pois é inadmissível que alguém para entrar ou saír de casa tenha que depender dos vizinhos.

Solicitam depois que em futuros anos a Ex.ma Câmara os defenda da *usura* de arrematantes mal intencionados que por uma simples táboa que custa 3 a 4$00 escudos façam a cobrança de 2$50 por ano e por a tampa dum caixote de sabão, a servir de porta, levam 5$00 todos os anos, como faz o actual arrematante que leva a sua ganância ao ponto de exigir 1$00 por cada caixote vazio que nos guarde no seu armazem.

Por último pedem que em futuras arrematações, as empanadas das barracas sejam forradas de zinco e estas feitas dum novo modêlo para evitar os paus ao alto, que tanto estorvam o trânsito e desfeiam a feira.

Agradecidos ao público que os auxilia; à Ex.ma Câmara e a tôdas as entidades que concorreram para a melhor disposição e brilhantismo da Feira, aguardam ser atendidos nas suas observações e fazem votos para que se conjuguem todos os esforços e bôas vontades de forma a, em futuros anos, a Feira atingir o desenvolvimento, grandeza e brilho próprios da cidade de Aveiro.

Um grupo de concorrentes

Comarca de Aveiro

—:—

Editos de 8 dias

1.ª Vara

2.ª publicação

Por êste Juizo de Direito, 2.ª Secção, Chefe Cristo—correm éditos de 8 días a citar os crédores do insolvente falecido José Fernandes de Jesus, que foi viuvo, lavrador, de Eixo, para, dentro de 5 dias depois de findo aquêle prazo dos éditos, dizerem o que se lhes oferecer àcêrca das contas apresentadas pelo administrador da insolvência, conforme o disposto no artigo cento e trinta e nove do Código de Falências.

Aveiro, 6 de Abril de 1937

Verifiquei:

O Juiz de Direito

Correia Marques

O Chefe da 2.ª Secção

Júlio Homem de Carvalho Cristo

Comarca de Aveiro

—:—

Arrematação

1.ª Vara

1.ª publicação

No dia 25 do corrente mês de Abril, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, e na execução por custas e selos que o Ministério Público move contra António dos Santos Novo e mulher Maria Arneira, agricultores, da Gafanha de Vagos, por apenso à acção sumaríssima que contra os executados moveu Claudino dos Santos Costa, da Gafanha de Vagos, proceder-se-á à arrematação, em terceira praça, afim de ser entregue a quem maior lanço oferecer, do seguinte: Os altos de uma casa de habitação, construída nos terrenos de Manuel Ferreira Amarante, da Gafanha, freguesia de Vagos, que vai à praça por qualquer preço.

Por êste meio são citados quaisquer credôres incertos para assistirem à arrematação e usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 5 de Abril de 1937.

Verifiquei:

O Juiz de Direito

Correia Marques

O Chefe da 2.ª Secção

Julio Homem de Carvalho Cristo